

EDUCAÇÃO E LITERATURA NA PRÁTICA DOCENTE

Maria do Socorro Pinheiro¹

RESUMO

O campo de estudo da literatura é amplo e diversificado, no entanto seu ensino se restringe a aspectos historiográficos, a elementos característicos de seus períodos literários e não a querer saber do que falam as obras (Todorov, 2009). Tal método limita a aprendizagem do aluno, pois o foco não é a leitura das obras literárias para a construção de um pensamento crítico e o sentido do texto. Para entrar nesse campo epistemológico em torno do ensino de literatura, este artigo tem como objetivo discutir a leitura literária de autoria feminina, numa abordagem social, política, filosófica e linguística, observando o aspecto multidisciplinar em que a literatura se insere. A proposta se justifica pela importância de formar o repertório literário e cultural do aluno, entendendo a criação estética como um meio de representatividades diversificadas. O constructo teórico se atém basilarmente aos estudos de Candido (2000, 2011), Pinheiro (2018), Cosson (2021) que discutem a formação literária, e de Freire (1999, 2001) e Hooks (2013), quando se pensa uma prática docente que não se isenta de assumir a politicidade da educação, na formação de sujeitos críticos. Diante disso, a metodologia adotada tem um viés propositivo ao apresentar obras literárias escrita por mulheres que têm uma ambiência temática referenciada ao corpo, a sexualidade, a memória, ao amor, como categorias que precisam ser discutidas em sala de aula, pelo seu teor formativo e humano sem o qual a formação do leitor corre o risco de se fragmentar. As reflexões tecidas no âmbito deste trabalho trazem um lugar central para a imaginação literária, a leitura e um ensino comprometido com uma prática educativa integral e reflexiva.

Palavras-Chave: Ensino, Educação, Literatura.

INTRODUÇÃO

O Papa Francisco escreveu sobre o papel da literatura na educação de qualquer cristão, referindo-se “ao valor da leitura de romances e poemas no caminho do amadurecimento pessoal” (2024, p. 01), em carta publicada no dia 04 de agosto de 2024, pelo Vaticano². Como professor de literatura na escola jesuíta, em Santa Fé, entre os anos 1964 e 1965, queria que seus alunos estudassem El Cid, mas eles pediam para ler Garcia

¹ Doutora em Literatura e Interculturalidade – UEPB. Professora do curso de Letras da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu-Universidade Estadual do Ceará-UECE, socorro.pinheiro@uece.br

² [Carta do Santo Padre sobre o papel da literatura na educação \(17 de julho de 2024\) | Francisco](#)

Lorca. Com isso, Francisco decidiu abordar “os autores de que aqueles jovens mais gostavam” (2024, p. 02), incentivando-os a procurar na literatura seu próprio caminho. No texto, o Papa Francisco fala positivamente sobre a literatura, reconhecendo-a como capaz de tocar os corações, de nos aproximar do outro, pela força espiritual que dela emana, “uma obra literária é, portanto, um texto vivo e sempre fértil, capaz de falar de novo e de muitas maneiras, capaz de produzir uma síntese original com cada leitor que encontra” (2024, p. 01).

Inspirada nesta carta e no amor pela leitura, evidenciamos, de modo semelhante, o ponto chave de nossa discussão, a literatura, e o lugar para a qual olhamos, a sala de aula. Este trabalho tem como objetivo discutir a leitura literária de autoria feminina na prática docente, numa abordagem social, política, filosófica e linguística, observando o aspecto multidisciplinar em que a literatura se insere. Quando pensamos em uma prática educativa integral e reflexiva pensamos em um ensino que contemple em sua gama de conteúdos a leitura de textos literários. Ao referenciar isto, estamos afirmando que essa prática de leitura está praticamente ausente da sala de aula, causando enfraquecimento no repertório literário e cultural do estudante, o que se apresenta como importante justificativa para os questionamentos que queremos tecer ao longo deste texto sobre a literatura na escola.

Quanto à metodologia, adotamos um viés propositivo ao apresentar textos literários (poesia e prosa) sob a rubrica feminina, o que destaca claramente nosso interesse não somente pessoal, mas social e político de estudar as autoras cuja ambiência temática, cultivada por elas, está referenciada ao corpo, à sexualidade, à memória, ao amor, como categorias que precisam ser discutidas em sala de aula, pelo seu teor formativo e humano.

O constructo teórico se atém aos estudos de Candido (2000, 2011), Pinheiro (2018), Cosson (2021) que discutem a formação literária, e de Freire (1999, 2001) e Hooks (2013), quando pensam uma prática docente que não se isenta de assumir a politicidade da educação, na formação de sujeitos críticos. E ainda de Todorov (2009), Calvino (1994), Compagnon (2009) e Barthes (2004) sobre a literatura como força desejosa da vida que nos interessa coletivamente.

As discussões tecidas neste artigo advêm de outros percursos teóricos em outros espaços acadêmicos em torno dos quais construímos reflexões sobre o ensino, que tem ficado restrito mais a aspectos historiográficos, a elementos característicos de seus períodos literários e menos a leitura das obras. Há uma prática de não querer saber do que falam as obras (Todorov, 2009), atestando assim a exclusão da leitura literária.

Esperamos com este trabalho intensificar as discussões sobre o ensino de literatura, que ainda permanece regido por um sistema que tende a fortalecer seu capital econômico em detrimento do cultural e humano. Resulta ainda nesse ensino tradicional, como se sabe, a fabricação de corpos facilmente manipuláveis, visto que não há letramentos (inclusive o literário) que expandiriam a criticidade dos sujeitos.

PERCURSO TEÓRICO: REFLEXÕES PROVOCATIVAS

Em “O direito à literatura”, apresentado em palestra em 1988 e depois publicado no livro *Vários Escritos*, Candido (2011, p. 179) advoga pela literatura como um bem humanizador, “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção”. Pois bem, a falta desse direito incorre no risco de mutilar nossa *humanidade*, nosso *espírito*, pois há coisas que somente a literatura consegue nos dizer, como prognosticou Calvino (1994, p. 11) em suas *Seis propostas para o próximo milênio*, “minha confiança no futuro da literatura consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos pode nos dar”. Num país como o Brasil com 11,4 milhões de pessoas que não sabem ler e escrever um bilhete simples, com taxa de analfabetismo de 7,0%, segundo dados do IBGE de 2022³, e com a perda de um número expressivo de leitores, mais de 4,6 milhões de leitores nos últimos quatro anos (de 2015 a 2019), quando foi realizada a 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil⁴, divulgada em setembro de 2020, como a literatura pode se manter de forma auspiciosa?

Ao ser atribuído tal importância à literatura e seu valor como um “bem incompressível”, como defende Candido (2011, p. 177), pois “ninguém pode passar vinte quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”, vemos que sua atuação está longe de alcançar muitas pessoas, o que tem preocupado demasiadamente os estudiosos dessa área.

Ao volver nosso olhar para algumas atividades do projeto de extensão “Lendo na biblioteca: a formação do leitor literário” e ainda do Programa Institucional de Bolsas

³ Censo 2022: Taxa de analfabetismo cai de 9,6% para 7,0% em 12 anos, mas desigualdades persistem | Agência de Notícias

⁴ Dados da 5ª edição – Pró-Livro

de Iniciação à Docência (PIBID), da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu-FECLI, campus da Universidade Estadual do Ceará-UECE, desenvolvidas nas escolas sob nossa coordenação nos anos 2023 e 2024, constatamos que a literatura não é colocada em nível de importância. As aulas se restringem, com raríssimas exceções, ao estudo historiográfico numa abordagem descritiva sem levar em conta o que o texto literário expressa. Todorov (2009, p. 37) chama atenção para o equilíbrio interno e externo, “a abordagem interna (estudo das relações dos elementos da obra entre si) devia completar a abordagem externa (estudo do contexto histórico, ideológico e estético)”, que na realidade da sala de aula não se costuma fazer com tanta agudeza e rigor.

A literatura nos traz uma comunicação que precisa ser entendida em sua totalidade, na “fusão entre texto e contexto”, como defende Candido (2000, p. 04), pois os fatores externos (social) e internos (estrutura) “se combinam como momentos necessários do processo interpretativo”. É isto, na verdade, o que se aspira notadamente no ensino de literatura: a interpretação. Por quê? Porque interpretar uma obra literária pressupõe leitura, sem a qual não se “penetra surdamente no reino das palavras”, como poetizou Drummond (2015).

Se se tem acesso à literatura na escola nos aproximamos de uma educação libertadora, como propôs Freire (1999, p. 39) ao entender o homem em suas relações plurais, pois “é fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é”. Sabemos que a abertura nas relações é desafiadora uma vez que a pluralidade se presentifica nas muitas formas de viver, simples e complexas, que na maioria das vezes nem damos conta, contudo, nos inserimos nelas. A literatura está no bojo dessas relações, como porta de entrada para que o homem se perceba como sujeito consciente, sem censuras e preceitos. Todorov (2009) reflete sobre o desvelamento da condição humana que a obra literária anuncia. Leiamos o trecho:

Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano. Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão na obra dos grandes escritores que se dedicam a essa tarefa há milênios? E, de imediato: que melhor preparação pode haver para todas as profissões baseadas nas relações humanas? (TODOROV, 2009, p. 93).

Temos esse mesmo entendimento sobre a literatura como objeto estético e humano, capaz de acender as regiões mais sombrias de nossa alma e de nos causar espanto

ao enxergar os demônios que nos habitam. Segundo Compagnon (2009, p. 50), “a literatura nos liberta de nossas maneiras convencionais de pensar a vida – a nossa e a dos outros -, ela arruína a consciência limpa e a má-fé”. Paradoxalmente, ela atua na construção dos sentimentos, ativa nossa imaginação e nos abre para outras formas de conhecimento de modo a nos fazer experimentar “seu poder emancipador”, no dizer de Compagnon (2009, p. 51), o que possivelmente nos levará para outros expedientes de nossa humanização, pois “quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra, melhores” (COMPAGNON, 2009, p. 50).

A experiência com o texto literário é um acontecimento uma vez que a leitura nos impulsiona a problematizações, a diálogos, a perguntas. A obra literária nos acena e nos oferece verdades que o campo da interpretação de modo sutil e obstinado nos conduzirá a pensar o melhor sentido, porque na literatura nada é conclusivo. Precisamos de uma pedagogia da leitura literária, o que nos interessa muito e nos leva para um diálogo com Paulo Freire (2001, p. 25) quando discute “a natureza política da qualidade da educação”. Evidentemente que isto implica no processo formativo do estudante quando se preza por um currículo que contenha momentos de leitura do texto literário, para tanto se faz necessário o letramento literário, compreendido por Cosson (2014, p. 23) como “uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola”. Sendo assim, a escola não pode se eximir de sua função, de promover momentos de leitura, de apresentar ao estudante a diversidade dos gêneros literários, de estimular o gozo estético. Se não houver, muitas vezes, a intervenção do docente nesta árdua tarefa, não haverá “educação progressista”, como assim pensa Freire (2001). Contudo, vamos encarar a realidade, o docente precisa de condições para movimentar essa engrenagem (que não é gerida por ele) e da economia de estratégias para reformular o ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: PROPOSTAS DE LEITURA

A literatura é criação, força imaginante que alimenta o repertório do leitor na constituição de sua formação humana. Precisamos pensar sobre a educação literária (estética) que nos faça sentir o encantamento, seja por meio do afago ou da inquietação que o texto literário nos reserva. Seu campo discursivo engendra muitos saberes, é vasto e diversificado, “literatura nunca é apenas literatura”, como afirma João Alexandre Barbosa (1995). Tal é o seu poder de associar em torno de si outras formas de epistemes. O conteúdo indissociado de sua forma, como assinala Candido (2000), contém a

dramaticidade e complexidade humana representadas na escrita de autores e autoras que sensível e criticamente revelam o mundo.

Ao questionar o ensino de literatura que se dá pela experiência de leitura e, conseqüentemente, pelo prazer do texto, a lembrar Barthes (2004), evidenciamos um processo de apagamento da literatura no tocante ao processo de conhecimento que o texto literário expressa. Sobre isso relata Cosson (2014, p. 22):

A literatura no ensino médio resume-se a seguir de maneira descuidada o livro didático, seja ele indicado ou não pelo professor ao aluno. São aulas essencialmente informativas nas quais abundam dados sobre os autores, características de escolas e obras, em uma organização tão impecável quanto incompreensível aos alunos.

A forma como pensamos a literatura na escola é via texto literário. O texto como porta de entrada para a descoberta de outras notas que aludem nossa capacidade crítica e imaginativa. Como seria essa forma? Seria por meio da leitura de obras literárias, com seu variado repertório de textos em seus mais diversificados gêneros. É lendo que o estudante desenvolve sua criticidade e recria a obra lida, atribuindo a ela interpretações. É uma tomada de atitude desafiadora propor aos alunos a leitura se as condições não são favoráveis. Pinheiro (2018, p. 27) nos adverte quanto a essa realidade:

O trabalho precisa ser sistemático e constantemente avaliado. Pode-se, por exemplo, organizar uma excelente sala de leitura, mas, com o tempo, o acervo precisará ser renovado, os professores necessitam de uma formação continuada, de espaço para troca de experiências, os livros carecem de conservação, de encadernação... Criar condições de leitura supõe, portanto, uma política que priorize a educação – tanto das secretarias de educação quanto da direção da escola e da prática cotidiana dos professores.

Para executar este trabalho as condições são indispensáveis, evidentemente, que precisa partir de quem financia a educação, somada com a consciência de cada sujeito no exercício do ensinar, se distanciando da “concepção bancária de educação” (FREIRE, 1980, p. 79) e permitindo que o aluno vivencie seu processo formativo no diálogo e na interação com o outro.

Tomamos agora uma via mais propositiva para dar continuidade ao nosso trabalho. Queremos apresentar alguns poemas e trechos de obras, neste curto tempo, que refletem situações da realidade social e que discutidas em sala de aula podem desencadear processos formativos e evolutivos de conscientização e politização. Vejamos o poema “Dia 20. FADIGA”, de Luiza Romão.

sozinha
Penélope desfia
desafia
(abutres, o filho, a multidão)
mas os deuses aplaudem Ulisses (2017)

Podemos ver no poema acima, formado por cinco versos curtos, o poder de síntese e a densidade temática a partir do que expressa o título. O poema “Dia 20 - Fadiga” corresponde ao calendário menstrual, ao todo o livro *Sangria*, publicado em 2017, tem 28 partes, enfatizando a luta da mulher contra as várias formas de violência, uma história contada pela ótica do útero.

O campo epistemológico da literatura se mantém interligado com outras áreas do conhecimento. Logo de início, há a alusão a duas figuras míticas, Penélope (símbolo da fidelidade, virtuosidade, resistência e coragem) e Ulisses (personificação da política e da habilidade dos tempos heroicos). Eles ocupam um lugar social, ela é a representação feminina e ele a masculina. O poema tem um viés sociológico e histórico indicado no verso, “abutres, filho e multidão”, metaforizando três instituições, respectivamente o governo, a família e a sociedade.

A chave de leitura do poema está presente nas questões de gênero, atravessadas por um corpo que sofre opressão, pois Penélope (representando a mulher) enfrenta tudo sozinha, desfia e desafia toda a sua realidade social, mas “os aplausos são para o Ulisses”, para o homem que na visão patriarcal detém o poder de tudo. Há uma crítica aguda à sociedade na organização das atribuições dos indivíduos e no comportamento cultural destes, solidificando os repetitivos padrões e deixando a mulher em desânimo, numa fadiga excessiva.

Queremos mostrar outro poema escrito por Conceição Evaristo, cujo título assinala o conteúdo do seu fazer poético. Leiamos:

Ao escrever...

Ao escrever a fome
com as palmas das mãos vazias
quando o buraco-estômago
expele famélicos desejos
há neste demente movimento
o sonho-esperança
de alguma migalha alimento.

Ao escrever o frio
com a ponta de meus ossos
e tendo no corpo o tremor
da dor e do desabrigo,
há neste tenso movimento
o calor-esperança
de alguma mísera veste.

Ao escrever a dor,
sozinha,
buscando a ressonância
do outro em mim
há neste constante movimento
a ilusão-esperança

da dupla sonância nossa.

Ao escrever a vida
no tubo de ensaio da partida
esmaecida nadando,
há neste inútil movimento
a enganosa-esperança
de laçar o tempo
e afagar o eterno. (2021, p. 90)

O poema “Ao escrever...” remete ao processo reflexivo de feitura do texto. O que o poema escreve? São quatro estrofes e em cada uma delas se escreve a fome, o frio, a dor e a vida. Ao escrever se faz a sobrevivência, como forma de despistar o horror que a realidade famélica, mísera, dolorosa e esmaecida anuncia com feroz acuidade.

Cada estrofe traduz um sofrimento que se transforma em esperança. Na fome o sonho-esperança, no frio o calor-esperança, na dor a ilusão-esperança e na vida a enganosa-esperança. A escrita é vista como um renascimento, como possibilidade de mudança. Segundo Paz (2012, p. 113) “o poeta afirma que as suas imagens nos dizem algo sobre o mundo e sobre nós mesmos e que esse algo, embora pareça um disparate, nos revela o que somos de verdade”. Há um fundamento de verdade nesta lógica de escrever, palavra que se repete no início de cada estrofe, como palavra-esperança, símbolo de transformação.

São tantos os caminhos de leitura que podemos tomar em sala de aula, que queremos partilhar este trecho sem medo dos labirintos prosaicos e poéticos de Clarice Lispector. Leiamos esta citação de *Água Viva* (1987, p. 45).

Porque ninguém me prende mais. Continuo com capacidade de raciocínio – já estudei matemática que é a loucura do raciocínio – mas agora quero o plasma – quero me alimentar diretamente da placenta. Tenho um pouco de medo: medo ainda de me entregar pois o próximo instante é o desconhecido. O próximo instante é feito por mim? ou se faz sozinho? Fazemo-lo juntos com a respiração. E com uma desenvoltura de toureiro na arena.

A voz da personagem neste romance de Clarice Lispector, publicado em 1973, nos revela um momento de reflexão sobre si mesma, de descoberta dos seus dilemas, “Porque ninguém me prende mais”, ainda que tenha medo, “pois o próximo instante é o desconhecido”, contudo, há capacidade para pensar sobre a vida. Há questões existenciais durante toda a narrativa, numa linguagem poética e intimista que convida o leitor a permanecer no texto, mas não somente, a também visitar seus sentimentos.

Neste movimento de ir e vir pelas obras literárias, citamos também um pequeno trecho de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960, escritora que teve a sua vivência como moradora da favela e catadora

de papel. Ela está na mesma esteira reflexiva de Clarice Lispector. Vejamos sua escrita, “...Estive revendo os aborrecimentos que tive esses dias (...) suporte as contingências da vida resoluto. Eu não consegui armazenar para viver, resolvi armazenar paciência (2014, p. 35). A autora expressa um acontecimento de sua vida nada fácil na favela nos anos de 1950. A leitura dessa obra nos causa impacto pelo comovente realismo das cenas de fome e das condições de vida de quem mora na favela.

Luiza Romão, Conceição Evaristo, Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus escrevem sobre as inquietações da nossa existência humana. No centro do fenômeno literário a autoria feminina com temas veiculados ao campo interno e externo de sua natureza humana. São veias literárias que se abrem para um fazer pulsante, que reclamam vida, igualdade, respeito, liberdade. Como enfrentar as atrocidades do sistema opressor que ainda nos impingem, se não for pela educação, por um diálogo consciente do que é estar no mundo?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos as palavras-chaves deste trabalho: ensino, educação e literatura. Em torno delas uma necessidade, um desafio, uma proposta. Lembramos de Hooks (2013) em seu livro *Ensinando a transgredir* no qual dialoga com Freire que pensa a educação como prática de liberdade e não como prática de dominação. Freire e Hooks conversam sobre o ensino como uma aprendizagem sem limites.

Essa atitude está na esfera da transgressão que tem um pressuposto: abandonar as vetustas práticas pedagógicas. A literatura cabe bem nessa ideia porque ela mesma é transgressora. Nada nela é inocente. Sua linguagem ornada, seu conteúdo e suas formas de expressão estão a serviço da criatividade do(a) autor(a), da sua inquietude artística. Conviver com a literatura é acessar um portal para o conhecimento da existência humana quer simples ou complexa, bela ou feia, suave ou pesada, porque assim é a vida.

As experiências de leitura literária faltam na escola. Qual deve ser nossa atitude como professoras e professores de literatura? Oferecer ao aluno o encontro com o texto literário, conversar com ele, indagar sobre suas preferências. Neste sentido, prezamos por um ensino movido pelo diálogo, pela escuta, pelas possibilidades de aprendizagem, pela troca de saberes, pela construção e engajamento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. “Discurso de primaveras e algumas sombras”. In: **Nova Reunião: 23 livros de poesia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BARBOSA, J. A. **Literatura nunca é apenas literatura**. Depoimento apresentado no Seminário Linguagem e Linguagens: a fala, a escrita, a imagem, Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1995.

CANDIDO, A. O Direito à Literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Editora 34 / Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. 2. ed. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, R. **Letramento literário – teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Política e educação: ensaios** / Paulo Freire. – 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23)

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

PAPA FRANCISCO. **Carta do Santo Padre sobre o papel da literatura na educação** (17 de julho de 2024) | Libreria Editrice Vaticana, 2024. Disponível em [Carta do Santo Padre sobre o papel da literatura na educação \(17 de julho de 2024\) | Francisco](#). Acesso: em 12 de agosto de 2024.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

ROMÃO, L. S. **Sangria**. São Paulo: Edição do Autor: Selo do Burro, 2017.

Todorov, T. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

